

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora  
Ano 2019



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9201926048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9201926049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>90</b>
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>104</b>
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>113</b>
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>129</b>
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>141</b>
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
<a href="#">Wellisson de Oliveira Camilo Jr</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>152</b>
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
<a href="#">Vanessa Elias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>166</b>
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
<a href="#">Martina Gonçalves Burch Costa</a>	
<a href="#">Giovanni Felipe Ernst Frizzo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>173</b>
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
<a href="#">Lilian Silva de Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>190</b>
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
<a href="#">Giácomo de Carli da Silva</a>	
<a href="#">Cristina Rolim Wolffenbüttel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>197</b>
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
<a href="#">Fernanda Dias Coelho</a>	
<a href="#">Ludmila Mourão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>210</b>
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
<a href="#">Andressa Regina Bissolotti dos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>225</b>
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
<a href="#">Maria Cecilia Takayama Koerich</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92019260422</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>231</b>
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>242</b>
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>258</b>
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breanda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>270</b>
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>286</b>
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>298</b>
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>310</b>
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	



**CAPÍTULO 30 ..... 317**

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):  
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.92019260430**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 333**

## RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET

**Márcia Stengel**

Programa de Pós-graduação de Psicologia da  
PUC Minas

Belo Horizonte – MG

**Nádia Laguárdia de Lima**

Programa de Pós-graduação de Psicologia da  
UFMG

Belo Horizonte – MG

**Jacqueline de Oliveira Moreira**

Programa de Pós-graduação de Psicologia da  
PUC Minas

Belo Horizonte – MG

**RESUMO:** Este artigo objetiva discutir como se estabelecem as relações amorosas dos adolescentes com a internet. A adolescência compreendida como uma fase da vida é uma construção social. Ela também pode ser pensada como um tempo lógico, de elaboração psíquica da puberdade, em que o sujeito vive suas primeiras experiências afetivo-sexuais, que participam na organização de sua vida e construção subjetiva. Atualmente, a liquefação dos laços sociais afeta os relacionamentos amorosos, desvalorizando sentimentos e incentivando a experimentação sexual livre e descompromissada. Os adolescentes, inseridos nesta lógica, usam a internet como base de experimentação de suas identidades, vivenciando novas formas de sociabilidade,

incluindo a busca por relacionamentos afetivos. A presença da virtualidade introduz uma nova forma de presença, que tem efeitos sobre a subjetividade. Realizamos entrevistas semiestruturadas com adolescentes de 18 anos, universitários, de ambos os sexos, residentes em Belo Horizonte. Trabalhamos com estes sujeitos por acreditarmos que são mais permeáveis à busca de alternativas nas relações amorosas. As fronteiras entre o público e o privado nos relacionamentos amorosos apareceram como uma questão para os jovens e refletiram as implicações subjetivas que envolvem a publicização da vida amorosa. Constatamos que a noção de amor permanece idealizada para os jovens e os recursos da virtualidade não são suficientes para contornar as dificuldades da vida amorosa. Os desafios inerentes aos relacionamentos amorosos, sejam presenciais ou virtuais, aparecem nos discursos dos entrevistados, apontando-nos tanto para a repetição quanto para a inovação na vivência amorosa contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência, internet, relações amorosas.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss how adolescents' love relationships with Internet are established. Adolescence understood as a phase of life is a social construction. It can also be thought of as a logical time of psychic

elaboration of puberty, in which the subject lives his first affective-sexual experiences, which participate in the organization of his life and subjective construction. Currently, the liquefaction of social bonds affects love relationships, devaluing feelings and encouraging free and uncompromising sexual experimentation. Adolescents, inserted in this logic, use internet as a basis for experimentation of their identities, experiencing new forms of sociability, including the search for affective relationships. The presence of virtuality introduces a new form of presence, which has effects on subjectivity. We conducted semi-structured interviews with 18-year-olds, university students, of both sexes, residing in Belo Horizonte. We work with these subjects because we believe that they are more permeable to search for alternatives in love relationships. The boundaries between public and private in love relationships appeared as an issue for young people and reflected subjective implications that involve publicity of love life. We find that the notion of love remains idealized for young people and the resources of virtuality are not sufficient to circumvent the difficulties of the love life. The challenges inherent to love relationships, whether face-to-face or virtual, appear in the interviewees' speeches, pointing to both repetition and innovation in contemporary love living.

**KEYWORDS:** Adolescence, internet, love relationships.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Psicologia porta em si a marca da duplicidade epistemológica, pois transita entre os campos das ciências humanas e naturais. Nesse sentido, não podemos nos furtar ao trabalho de refletir sobre as determinações históricas que modificam as posições subjetivas. A realidade humana é construída e influenciada por questões religiosas, históricas, políticas, sociais e culturais. Deste modo, não é possível pensar em uma realidade única e imutável. A forma de lidar com os afetos, comportamentos, hábitos e costumes se modifica ao longo da história e no interior das sociedades. Chaves (2006, p. 13), citando Lejarraga, nos alerta que “os amores, enquanto experiências subjetivas, não são estruturas fixas nem universais, mas práticas lingüísticas que se transformam no curso da história humana.”. Ao compactuarmos com essa posição, fomos movidas pelo desejo de compreender os efeitos da internet nas relações amorosas entre os adolescentes. Existem diferenças na busca das relações amorosas com o advento da internet? A internet é só uma ferramenta ou ela introduz uma mudança nas motivações da busca amorosa? Ela possibilita novas formas de relacionamento afetivo ou reproduz as já existentes?

Escolhemos como sujeitos dos estudos os adolescentes, por entendermos ser este um momento decisivo na vida do sujeito humano e por isso, um ponto delicado em que os acontecimentos podem ter efeito de irreversibilidade. Sabemos que a busca pelo parceiro amoroso é tão decisiva na vida do sujeito quanto a sua escolha profissional. Neste sentido, as novas ofertas da sociedade pós-moderna de instrumentos de busca do amor devem, necessariamente, impactar as ações, pensamentos e imaginários.

Mas, qual são essas influências para os adolescentes? Para estudar este tema foi necessário pensar a adolescência, as relações amorosas, as concepções de amor e o mundo contemporâneo.

## 2 | ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um conceito construído historicamente na cultura ocidental e surge na Modernidade, no final do século XIX e consolida-se no século XX. Até então não havia uma clareza quanto aos termos que designavam crianças, adolescentes e jovens, apontando para uma indiferenciação na percepção destes sujeitos. Na Modernidade as esferas pública e privada passam a ser bem delimitadas, como até então não haviam sido. O espaço físico da casa de família privatiza-se, acompanhado de uma privatização dos costumes. Esta situação cria estratégias de singularização, propiciando, conseqüentemente, uma divisão mais clara entre mundo público e mundo privado. O primeiro torna-se cada vez mais hostil e o segundo o local de aconchego e proteção (COUTINHO, 2009). A família, então, funciona como o espaço da esfera privada, sendo o agente balizador do mundo público e do privado, pois o que se passava fora da família significava a vida pública e dentro dela a vida privada.

Também no século XIX surge o Romantismo, que faz oposição às ideias iluministas, que pregavam o culto à racionalidade e à ordem. Este movimento salienta a paixão pela natureza e pelas forças do espírito, alimentando a nostalgia e a solidão. “Fica clara a articulação do movimento romântico com a disseminação do individualismo e da concepção de indivíduo único, que cultiva a singularidade e busca sempre experiências únicas.” (COUTINHO, 2009, p. 45).

No século XX temos a consolidação do conceito de adolescência. Para tal, houve a contribuição do prolongamento da escolarização, o avanço da industrialização, o crescimento das cidades, uma mudança no mercado de trabalho, fazendo com que o período de dependência dos jovens em relação à família se estendesse. Deste modo, a adolescência pode ser definida como um tempo (psíquico, psicológico e sociocultural da puberdade) e um trabalho (essencialmente psíquico de integração dos novos dados que a puberdade inaugura na história do sujeito) (STENGEL, 2003).

Coutinho (2005, p. 17) afirma que “a adolescência é fruto de um enigma relativo à passagem da infância para a vida adulta na sociedade ocidental moderna.” Esse enigma relaciona-se com as transformações corporais desencadeadas pela puberdade, que invadem o sujeito e exigem um trabalho psíquico para elaborar essa novidade. Neste sentido, para compreender a adolescência, Knobel (1992) salienta os lutos que o adolescente precisa elaborar neste momento da vida. Um primeiro luto é pelo corpo, que é pelo corpo propriamente dito e por tudo aquilo que esse corpo implica: as relações que o indivíduo mantém consigo e com os outros, principalmente com os pais, e as responsabilidades que o corpo carrega. O adolescente precisa também fazer o luto pelos pais da infância, o que significa perder o refúgio e a proteção que eles



representam. Segundo Alberti (2002), desligar-se dos pais é um dos feitos psíquicos mais dolorosos para o jovem. Corso e Corso (1999, p. 85) afirmam que “a operação própria da adolescência é a agonia e morte dos pais reais enquanto suporte do ideal”. Os pais, que eram tidos como heróis por seu filho na infância, são destituídos deste lugar, desidealizados e passam a ocupar um lugar de estranhamento frente ao filho.

Outra razão para as dificuldades na adolescência se deve ao fato de nossa sociedade impor uma moratória aos jovens, que se caracteriza por competições ratificadas e obrigações definidas e, do mesmo modo, por uma tolerância especial, a qual podemos denominar status de aprendizagem. É um tempo imposto aos jovens no qual eles não são mais reconhecidos como crianças, mas ainda não têm o reconhecimento de adultos, que é justificado pela imaturidade dos jovens para o enfrentamento da vida.

Calligaris (2000) aponta para a contradição presente na lógica da moratória. Por um lado, a sociedade prega um ideal de autonomia para os indivíduos, em que devem buscar uma independência para a superação de seu lugar dado na sociedade e assim possam ser reconhecidos e valorizados. Por outro lado, a moratória impõe uma continuação da dependência para sujeitos que têm o corpo e o espírito prontos para a competição. Podemos pensar a moratória como algo positivo na medida em que o sujeito, neste momento, está isento da assunção de uma série de responsabilidades, mas também como negativa, porque ela é imposta, sendo extremamente difícil e penoso ao sujeito não assumi-la, e por não haver regras claras para o seu final. Nesse sentido, o autor afirma que as mudanças pubertárias se constituem um problema na medida em que os adultos não reconhecem aí sinais da passagem para a idade adulta. Assim, os jovens sentir-se-ão frustrados por estarem nessa situação e buscarão formas de reconhecimento social.

Um problema apontado por Calligaris (2000) e Coutinho (2005, 2009) é o fato de os jovens terem que viver este momento de forma privatizada, singularizada, sem o apoio das instâncias sociais, como se dá em algumas sociedades com a presença de ritos de iniciação. Matheus (2002, p. 86) salienta que o processo adolescente resulta do fato de “o sujeito psíquico não encontrar na cultura dispositivos para suportar e conceber conflitos psíquicos”. Por isso, a ausência de rituais de passagem ou de dispositivos na ordem simbólica serem imprescindíveis para compreensão da adolescência.

Por essa falta de suporte na ordem simbólica e pelo processo de desligamento dos pais, o adolescente lança mão de algumas estratégias como forma de assegurar uma marca de identificação. A principal estratégia é a união ao grupo de pares, que serão as grandes fontes de identificação deste momento. Os amigos tornam-se a principal referência para a construção de uma identidade adulta e de novos ideais. Atualmente, os grupos adolescentes se organizam em torno de um laço fraterno socializante para buscar expressar certo ideário, estando, em geral, envolvidos com atividades culturais e cotidianas (COUTINHO, 2005). O compartilhamento destas atividades revela uma tentativa de elaboração conjunta dos impasses relativos ao laço social. É também

uma forma de reconhecimento de traços identificatórios dos quais o sujeito que deixa a infância não se sente seguro (KEHL, 2000).

Para a psicanálise, a adolescência pode ser tomada como uma consequência da puberdade. Enquanto a puberdade é definida pelas transformações fisiológicas que demarcam a passagem do corpo infantil ao corpo adulto, a adolescência seria o momento de construção pelo sujeito de uma significação possível para essas transformações. O despertar da sexualidade, na adolescência, é o despertar para o novo, para o desconhecido, por mais que o jovem tenha informações sobre o corpo e sobre o ato sexual. Assim, é no grupo de pares que o jovem busca construir um saber possível sobre a sexualidade, que é sempre parcial e insuficiente, com o qual ele busca se defender desse real do sexo que escapa ao sentido. Freud (1905/1974) utiliza o termo puberdade ao invés de adolescência, descrevendo-a como um segundo tempo da sexualidade. O primeiro ocorre na infância e é interrompido na latência; e o segundo sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual. A pulsão na infância era predominantemente autoerótica e na puberdade encontra o objeto sexual. Surge um novo alvo sexual para a conjunção de todas as pulsões parciais: a zona genital.

Freud destaca que na puberdade há o redespertar do Édipo, renovando os conflitos edípicos e as fantasias incestuosas. Essa reativação do Édipo, entretanto, diferentemente de sua primeira manifestação na infância, agora tem a marca da interdição. O desejo sexual reativa uma interdição pondo em questão a impossibilidade de uma harmonia entre a pulsão sexual e a corrente terna sobre o mesmo objeto (COTTET, 1996). A revivência edípica deve levar ao declínio do Édipo, com a assunção de uma posição sexuada e a eleição de um novo objeto de amor.

Diante da irrupção do real do sexo na puberdade, o jovem é despertado por fantasias, desejos e sensações desconhecidas. O corpo sofre transformações abruptas e incontroláveis, que remetem o jovem a uma sensação de desconhecimento e estranhamento com relação à própria imagem corporal. Além disso, a desidealização dos pais leva a uma perda das antigas referências de identificação. A adolescência pode ser então definida como um momento da vida em que o sujeito se vê confrontado com as exigências de se posicionar na partilha dos sexos, de escolher um novo objeto de amor que não os pais e de se lançar no universo social mais amplo (FREUD, 1905/1974). Neste sentido, é na adolescência que o sujeito vive suas primeiras experiências afetivo-sexuais, que participam na organização da vida dos adolescentes e na sua construção subjetiva.

### **3 | CONCEPÇÕES DE AMOR**

Para compreendermos como as relações afetivas se organizam na contemporaneidade, é importante partirmos das concepções de amor presentes em

nossa cultura. O amor burguês é organizado em torno do ideal do casamento com suas exigências de virgindade, monogamia e pureza como garantia de uma estabilidade socioeconômica. Segundo Chaves (2006, p. 829), “o casamento se dava por razões de família, dinheiro, segurança monetária ou ascensão social”. Em um movimento de oposição ao instituído amor burguês surge o amor romântico. Este contempla a sexualidade, o amor sublime, mas, sobretudo, o desejo dos sujeitos implicados na escolha.

O relacionamento amoroso deveria se dar, então, não entre um casal formado a partir da decisão familiar, por exemplo, mas sim entre dois indivíduos que se escolhem livremente em função de suas particularidades e que compartilham amor e desejo sexual. (CHAVES, 2006, p. 833)

O amor romântico, ao unir amor e sexualidade, fez com que o casal buscasse satisfação amorosa e sexual no parceiro. Outra novidade trazida por esse amor foi a conjunção de reciprocidade e de exclusividade. Deveria haver reciprocidade no sentimento amoroso entre o par, sendo esta coincidência de sentimentos que daria sustentação e sentido à relação. Existia também uma exigência de exclusividade, ou seja, cada um do par se bastava ao outro, não havendo necessidade de busca de outros parceiros. Essa exclusividade, ainda, se pautava na ideia de completude do casal, ou seja, ela não era vivida como se dando com qualquer um, mas com dois sujeitos específicos, que, por suas próprias qualidades, despertavam um no outro o amor.

Todavia, a subversão do amor romântico foi tratada e domesticada pela sociedade ocidental, transformando-se em amor romântico domesticado (CHAVES, 2006). Assim, o princípio utópico se manteve – a ideia de se casar pela livre escolha e pelo sentimento de amor. No entanto, sua dimensão de experimentação, de pura vivência dos afetos, tão cara aos escritores do Romantismo, foi amordaçada para estabelecer um projeto de grande envergadura, a criação da família fundada no amor.

O ideal de amor que passou a sustentar o casamento foi o de amor romântico, mas não na sua faceta defensora da experimentação e da mudança, no seu lado subversivo, transgressor, crítico dos valores, normas e regras dos moralistas e puritanos da era vitoriana. O amor romântico que passou a servir de alicerce para o casamento burguês era marcado pela ênfase dada ao amor eterno, à liberdade de escolha, à unidade entre sexualidade e amor no casamento, à exclusividade e reciprocidade dos parceiros. (CHAVES, 2006, p. 837)

A promessa do amor romântico domesticado é de acesso à felicidade através da escolha livre, da realização sentimental e sexual. O sujeito respeita sua individualidade, sua liberdade e ainda encontra a felicidade na relação amorosa. Mas, podemos perguntar se o respeito à individualidade e liberdade individual não conflita com um projeto coletivo de manutenção de uma família.

Nesse sentido, para Bauman (2004), vivemos hoje uma nova modalidade de amor – o amor líquido.

Esta concepção diz respeito à noção de aproveitar os prazeres de um relacionamento

tentando evitar os momentos mais penosos e difíceis. Além disso, esta noção aponta para a transposição da lógica das relações de consumo para as relações amorosas. O outro é tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que ele oferece. É uma forma de relacionamento em que se entra pelo que pode ganhar e se continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação. (VIEIRA e STENGEL, 2010, p. 155)

Deste modo, a relação pautada no amor líquido pode ser encerrada por qualquer um dos parceiros no momento em que desejarem. Se por um lado, permite uma enorme sensação de liberdade, cobra seu preço pela sensação de insegurança. Singly (2003) aponta que o anseio por liberdade na Pós-modernidade vem acompanhado por uma crescente necessidade de segurança. “A ambiguidade dos sujeitos pós-modernos reside no fato de as possibilidades de enraizamento serem vistas como opressoras e, ao mesmo tempo, serem buscadas pelos indivíduos.” (VIEIRA, 2009, p. 46). Este é um dos paradoxos contemporâneos: frente a um mundo percebido como de difícil interpretação e, conseqüentemente, de ação sobre ele, os sujeitos desejam âncoras para se fixarem e as relações amorosas aparecem como uma possibilidade. Entretanto, ao se fixarem, ressentem-se da liberdade perdida, da prisão colocada pelo relacionamento. Assim, a partir destes dois modelos – o amor romântico e o amor líquido – mais próximos de nosso tempo, o amor romântico e o líquido, perguntamos: a novidade da internet modifica as concepções de amor?

#### 4 | O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Essas formas de relações afetivo-sexuais devem ser compreendidas no contexto contemporâneo, que, tal como estudado por Lasch (1983), é um modo de civilização característica, que se opõe ao modo da tradição, isto é, a todas as outras culturas anteriores e tradicionais. No domínio da cultura e do comportamento, a Modernidade se traduz por uma exaltação de subjetividade profunda, paixão, singularidade, autenticidade, efemeridade e insaciabilidade.

Dois pontos são fundamentais para entendermos como a sociedade moderna se estrutura: o narcisismo e o consumismo. Por fazer apologia do consumo, para incentivá-lo, ela utiliza de um ponto da constituição do sujeito: a falta. Todo sujeito é sujeito da falta e, por toda a sua vida, fará várias tentativas para encobri-la.

Na cultura do narcisismo, como o próprio nome já diz, o indivíduo, na tentativa de escamotear a falta, utiliza o processo de narcisização, o culto do narcisismo primário. Porém, esta tentativa está fadada ao malogro, pois, apesar de suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua autoestima. Mas para que isto aconteça, é necessário que haja uma relação intersubjetiva, isto é, um reconhecimento recíproco, uma relação entre dois sujeitos. E é justamente aqui que reside o problema. O narcisismo não propicia relação com o outro, pois o outro é uma exterioridade absoluta, é objeto. Objeto enquanto olha e enquanto reflete, passando a



ter a função de espectador de um monólogo ou de um teatro muito particular. Uma das consequências disto é o sentimento de desamparo. À medida que o sujeito não tem quem o reconheça, sente-se abandonado e, para reverter este sentimento, narcisiza-se cada vez mais. É um efeito bola de neve.

Outro mecanismo utilizado pelos sujeitos para escamotear a falta é o consumo. A Modernidade valoriza o consumo como modo ativo de relação, não somente aos objetos, mas à coletividade e ao mundo. Aliado ao processo de narcisização e ao incentivo dado pela sociedade ao consumo, a palavra de ordem torna-se consumir. Não interessa o valor dos objetos ou mesmo a sua importância ou necessidade, o que importa é tê-los ou fingir que os têm. Como o consumo dos objetos é mais uma tentativa para encobrir a falta, o tempo de duração de cada objeto é fugaz. O sentimento de fracasso e incompletude se instala com facilidade, fazendo com que o sujeito consuma cada vez mais e mais.

A lógica do consumo atinge também os relacionamentos, na medida em que as pessoas passam a ser tratadas como objetos, podendo ser descartadas diante das dificuldades no campo amoroso. A partir da descrição desse quadro, podemos entender o ficar como uma forma de consumismo, pois é um relacionamento fugaz e com uma troca sucessiva de parceiros. Essa situação atualmente estende-se para o namoro e mesmo para o casamento. Como nos diz Bauman (2004), na cultura atual, a liquefação dos laços sociais determina uma fluidez e uma superficialidade que afeta todos os relacionamentos humanos, desvalorizando os sentimentos e incentivando a experimentação sexual livre e descompromissada. Assistimos a um imperativo de gozo, com efeitos decisivos sobre a sexualidade humana.

## 5 | A REALIDADE VIRTUAL

O termo ciberespaço é usado para se referir ao espaço abstrato construído pelas redes de computadores. O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica “não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 2000, p. 17).

O surgimento do ciberespaço é resultado de uma transformação social e cultural, que, por sua vez, é modificada e condicionada por ele. O ciberespaço diz respeito não só à estrutura material dessa comunicação digital, mas também informações e pessoas que transitam nesse espaço. Ele envolve uma cibercultura, uma realidade virtual, uma comunidade virtual, um texto virtual, experiências virtuais, ou seja, uma nova e instigante dimensão: a virtual (LIMA, 2003). O neologismo cibercultura é utilizado “para especificar o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente

com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 2000, p. 17).

A interatividade na Internet é considerada a principal razão de seu sucesso. “O termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”. (LÉVY, 2000, p. 79, grifo do autor). A mídia interativa permite o diálogo, a reciprocidade, a comunicação efetiva. A informática permite a pessoa interagir com uma matriz de informações, um modelo capaz de gerar inúmeros percursos diferentes. Ela proporciona a reciprocidade e em tempo real. Nesse sentido, está se falando em “interatividade que remete ao virtual.” (LÉVY, 2000, p. 80).

As experiências sensoriais no computador permitiram a imersão na imagem, inaugurando uma nova modalidade de interação com a máquina. A realidade virtual, que “especifica um tipo particular de simulação interativa, na qual o explorador tem a sensação física de estar imerso na situação definida por um banco de dados” (LÉVY, 2000, p. 70), permite um avanço na ilusão em relação à imagem do cinema ou da televisão. O desenvolvimento dos mundos virtuais oferece uma imersão funcional em representações tridimensionais com a ajuda de capacetes individuais de visualização estereoscópicos, em que o corpo é interligado com o mundo virtual. A imagem virtual transforma-se em um lugar explorável, habitável. Ela torna real tudo o que produz, submetendo a visão às interfaces tecnológicas. A realidade virtual promove uma redefinição das noções de imagem, de objeto, de espaço perceptivo.

A conceituação de realidade virtual comporta um sentido estrito e um sentido mais amplo. Se no sentido estrito a realidade virtual implica no uso de equipamentos, tais como os capacetes para visão estereoscópica e as datagloves (sensores automáticos de movimentos do corpo), as duas características distintivas do mundo virtual, em sentido mais amplo, são a imersão e a navegação por proximidade. Ou seja, a noção de um mundo virtual não implica necessariamente no uso desses equipamentos. Um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Os hipertextos, hiperdocumentos, simulações e, em geral, todos os objetos lógicos, tais como os programas, os bancos de dados e seus conteúdos, fazem parte dessa virtualidade informática no sentido amplo.

O termo virtual geralmente é associado à imaterialidade ou irrealidade. A esse respeito, Lévy (2000) faz uma importante consideração. A rigor, os termos virtual e real não se opõem. O virtual, do latim *virtus* (virtude), é o que está em potência no real, o que tem em si todas as condições essenciais para a sua realização (CADOZ, 1994). O termo virtual se refere ao que existe em potencial, suscetível de se realizar (FERREIRA, 1986). Na filosofia, o termo *virtude* está relacionado à capacidade ou potência em geral (ABBAGNANO, 1982). Nesse sentido, pode-se compreender a descrição de Lévy da gravação digital ocupando uma posição anterior à sua manifestação visível. Essa antecipação não seria a essência mesma da imagem?

De acordo com o processo de identificação à imagem especular, descrito por Lacan (1949/1998), a criança, fascinada com a imagem unificada refletida no espelho,

se sentindo ainda fragmentada, se antecipa numa identificação com aquela imagem, que, portanto, lhe devolve a unidade. Assim, o virtual se aproxima do conceito de imagem em psicanálise. O virtual não seria exatamente aquilo que se opõe ao real, mas aquilo que de alguma forma está presente no real (no sentido de realidade), em potência, anterior à sua manifestação visível. Sua presença em potência introduz uma nova forma de presença, que tem efeitos sobre a subjetividade. De acordo com a psicanálise, o imaginário não se opõe à realidade, que na verdade é uma construção imaginária (LIMA, 2003).

A virtualidade, introduzida pelo computador, oferece ao homem novos modos de ser: estar num lugar sem estar lá fisicamente, comunicar com pessoas de qualquer parte do mundo, interagir com comunidades virtuais, nas quais cada indivíduo pode estar com todos os outros sem estar presente corporalmente, deslocar-se em ambientes nos quais não poderia aceder normalmente. Essa telepresença ou presença virtual não necessariamente, portanto, se opõe à presença da realidade, da mesma forma que as interações da realidade são também marcadas pela virtualidade.

Le Breton (2003) trabalha com a hipótese de que o ciberespaço é o lugar do desaparecimento do corpo. Nesse espaço imaterial, indivíduos espacialmente distanciados entram em contato. No entanto, o corpo fica pendente no espaço virtual, provisoriamente esquecido enquanto matéria. O ciberespaço é um território de imagens e signos, onde coexistem em virtualidade inúmeros corpos em potencial, mas não há um encontro entre corpos. Há uma interação entre imagens, criando personagens, situações e ações a partir de palavras. Nesse contexto, o corpo físico é desnecessário, e até indesejável, funcionando como um obstáculo à sua virtualização. Virtualmente pode-se vestir qualquer máscara, tornar-se qualquer personagem, ter qualquer forma, cor e cheiro imaginável.

No entanto, podemos questionar essa separação entre os mundos real e virtual. De acordo com a psicanálise, o sujeito não tem acesso direto à realidade, pois ela é sempre atravessada pela realidade subjetiva. As fantasias funcionam como uma tela que se interpõe entre o sujeito e a realidade externa ou objetiva. O sujeito interpreta a realidade dos fatos de acordo com a sua subjetividade. Mas, para além da dimensão da fantasia, as interações virtuais podem despertar o desejo, provocar angústia, causar diferentes sensações e emoções, tendo efeitos reais sobre o corpo e interferindo na vida real. A complexidade das relações entre o virtual e o real nos leva a interrogar a natureza dos relacionamentos que se constituem na realidade virtual, suas motivações, especificidades e efeitos sobre os sujeitos.

## 6 | METODOLOGIA

Esta pesquisa se pautou pela metodologia qualitativa, compreendendo que esta não intenciona a generalização de dados, na medida em que objetiva produzir um

aprofundamento na compreensão e análise de uma determinada questão. González Rey (2002) afirma que a pesquisa qualitativa é uma opção epistemológica, que deve se sustentar por formas distintas de produção de conhecimento que possibilitem tanto a criação teórica acerca da realidade, que é em si multideterminada, dinâmica e histórica, quanto a cuidadosa e ampla elaboração de ideias e fatos procedentes do empírico.

Além de um estudo bibliográfico relativo ao tema, realizamos entrevistas com doze sujeitos, de 18 anos, de ambos os sexos, alunos de distintos cursos de graduação da PUC Minas. Buscamos estes adolescentes usando o método de escolha aleatório e de acordo com sua disponibilidade de participação na pesquisa. A distinção nos cursos teve a intenção de uma maior variedade dos sujeitos. Apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) definir a adolescência como sendo composta por sujeitos entre 12 e 18 anos incompletos, estreitamos este universo por acreditarmos que aos 18 anos encontraríamos sujeitos que já tivessem alguma experiência de relação afetiva, o que se revelou pertinente.

Para a análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo, que se constitui como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1994).

As pesquisadoras comprometeram-se com as recomendações éticas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CSN 466/12. Esta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa da PUC Minas e foi aprovada sob o nº CAAE 28595014.5.0000.5137. Ela contou com financiamento do CNPq e da FAPEMIG.

## 7 | DISCUSSÃO

Observamos nas entrevistas como o modelo do amor romântico continua presente entre os adolescentes. Contudo, as formas de relacionamento se modificam. Um aspecto que nos chamou a atenção foi o fato de o amor romântico aparecer nas falas dos jovens com muitas comparações com a geração de pais e avós. Os adolescentes acreditam que as gerações anteriores é que vivenciaram o verdadeiro amor, em detrimento da geração atual. O verdadeiro amor é localizado em relações de longa duração, nas quais há confiança e companheirismo entre o casal. Os entrevistados parecem desejar viver um amor verdadeiro e intenso como percebem ter sido vivido por pais e avós, mas não acreditam que isso seja possível da mesma forma em sua geração.

Podemos compreender essa perspectiva considerando a lógica do amor líquido presente em nosso cotidiano. Como nos diz Bauman (2004), a fluidez e a



superficialidade afeta os relacionamentos humanos, desvalorizando os sentimentos e incentivando a experimentação sexual livre e descompromissada. Assim, ao mesmo tempo que os sujeitos desejam uma relação estável, não querem perder a possibilidade de flutuação, de uma vivência mais livre nos relacionamentos.

Quando perguntados sobre o uso que fazem da internet, os entrevistados responderam que ela é um meio de pesquisa, informação e comunicação. Usam-na para a realização de tarefas relacionadas aos estudos e para buscarem informações diversas, mas principalmente para se comunicarem. Vemos um uso intenso das redes sociais, em especial, Facebook e Whatsapp. As redes sociais são utilizadas para terem acesso ao que se passa com os amigos, para marcarem encontros e saídas com amigos e namorados, e também para monitorarem o comportamento dos parceiros amorosos atuais e passados.

O Facebook é uma rede que ainda tem sido muito utilizada pelos adolescentes, mas eles nos afirmaram estarem migrando para o Whatsapp como uma estratégia de preservarem suas informações frente aos pais. Estes são amigos de seus filhos no Facebook, o que lhes permite ver as fotos, as postagens e os comentários nas páginas deles. Com isso, os pais obtêm maior controle da vida dos filhos. Já no Whatsapp, os grupos são fechados e os pais não têm acesso às informações.

As redes sociais são percebidas pelos adolescentes como um meio para aproximar as pessoas. No que tange os relacionamentos amorosos, eles afirmaram que elas auxiliam as relações na medida em que possibilitam as conversas, trocas de mensagens e fotos. Localizam essa facilidade especialmente para relacionamentos que já estão estabelecidos. Esse fato se deve, entre outras razões, à percepção de que na internet as pessoas passam imagens idealizadas, seja através de fotos que não correspondem exatamente à realidade ou por postagens que podem não ser o que a pessoa pensa, sente ou é. Assim, por um lado, a internet facilita, mas, por outro, ela dificulta os relacionamentos amorosos na medida em que as pessoas podem enganar e ser enganadas. Devemos lembrar que os enganos e as mentiras não são exclusivos do mundo virtual, mas este pode potencializá-los na medida em que não há um encontro presencial.

Dois dos entrevistados do sexo masculino manifestaram explicitamente sua homossexualidade. Não tínhamos a intenção de fazermos um estudo comparativo entre adolescentes heterossexuais e homossexuais, mas, ao responderem as questões colocadas, eles falaram sobre a sua orientação e as suas práticas afetivo-sexuais. Um dado que nos chamou a atenção, neste sentido, foi um discurso mais aberto sobre o uso de aplicativos dirigidos para encontros entre homossexuais. Eles afirmaram que o uso destes aplicativos é feito com a intenção de práticas, exclusiva ou preponderantemente, sexuais, e não afetivas.

Outros entrevistados, assumidamente heterossexuais ou que não se posicionaram a respeito, fizeram menção ao aplicativo Tinder, que permite a aproximação de contatos simultâneos; logo, o usuário pode selecionar e manter a conversação e a

paquera com vários parceiros. As experiências amorosas incluem encontros para um possível namoro e o sexo casual. Pela velocidade no contato e a facilidade em manter a conversação, os usuários, muitas vezes, podem experimentar diversas experiências amorosas em curto espaço de tempo. Considerando estas características do Tinder, alguns dos entrevistados mencionaram seu uso, especialmente para a busca de um parceiro amoroso e não apenas para a prática sexual.

Se a internet é percebida como facilitadora dos relacionamentos, ela traz uma outra questão: através das redes sociais pode-se ficar sabendo o que namorados(as) fazem ou fizeram. Desta forma, os entrevistados relatam situações em que descobriram, através das redes sociais, saídas à noite, idas a festas e afins, de seus parceiros.

Essa questão levou ao tema da traição. Perguntamos o que eles concebem como traição pela internet. As respostas foram variadas: desde o estabelecimento de conversas pela internet, encontros virtuais que se tornam presenciais até o sexo virtual. Não houve consenso entre os entrevistados, à exceção da percepção de que a internet facilita a traição, pois ela traz um número maior de possibilidades de conhecer e encontrar pessoas. A dificuldade em estabelecer o que é uma traição não se atém ao ambiente virtual, mas se estende para fora dele. Quando há uma intimidade sexual presencial, corporal a dificuldade pode se desfazer. Mas, e o sexo virtual? E as conversas com jogos de sedução? E quando tudo fica apenas no âmbito virtual?

No que tange as relações amorosas, os entrevistados, em sua maioria, estabeleceram uma fronteira entre os mundos público e privado. Eles afirmam que não se deve postar coisas íntimas na internet para que não haja muita exposição e porque acreditam que aquilo que é da intimidade não é para ser compartilhado com qualquer pessoa. Pode parecer simples à primeira vista, mas aí cabe interrogarmos: e o que é íntimo? O que não é? O que vemos postado nas redes sociais são fotos de viagens e festas, com amigos, comentários da vida cotidiana. Ainda que os adolescentes possam delimitar quem são as pessoas que vão ter acesso a isso ou não, sabemos que as redes sociais não oferecem esse controle tão claro. Uma postagem que é restrita pode ser espalhada sem o consentimento do autor, o que acontece com frequência. De um modo geral, as respostas que obtivemos sobre esse ponto podem ser resumidas na equação: o que é bom pode ser público, o que é ruim é privado. Em outras palavras, declarações de amor, fotos do casal e afins são colocadas na rede sem problemas, sem constrangimentos. Entretanto, brigas, discussões, divergências são exclusivamente privadas e não é adequado que sejam inseridas publicamente.

Debord (1997) afirmava que a teatralidade e a representação tomaram totalmente a sociedade. Para ele, o natural e o autêntico se tornaram ilusão. O autor define o espetáculo como não sendo um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Ao definir o espetáculo, Debord demonstra que as relações entre as pessoas não são autênticas, elas são de aparência.

A internet tornou-se um espaço privilegiado de espetacularização. Todos querem ver e serem vistos. Mas, por ser um espetáculo, as pessoas não podem se apresentar

de qualquer maneira, mas devem mostrar-se glamorosas, felizes e em situações privilegiadas. É assim que temos uma infinidade de fotos em viagens, restaurantes, pessoas sempre sorridentes e bem-humoradas. Podemos pensar que essa é uma razão pela qual os adolescentes fazem a distinção entre público e privado considerando que o que pode ser publicizado são os bons momentos dos relacionamentos, enquanto as brigas e os conflitos entre o casal, percebidos como negativos, têm que ficar na esfera privada. Os entrevistados nos apresentaram uma certa regra de etiqueta de como postar sobre os relacionamentos nas redes sociais.

## 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que valores às vezes divergentes, como a lógica do amor romântico e do amor líquido, se fazem presentes no cotidiano dos adolescentes. Há um desejo de viver as relações amorosas, ao mesmo tempo em que elas são temidas. Os adolescentes apresentam certa nostalgia de um amor estável, vivido pelas gerações passadas, e são críticos em relação aos relacionamentos fluidos atuais. Até poderíamos pensar que esses desafios e dificuldades são consequentes à pouca experiência no campo amoroso de adolescentes. Entretanto, esse é um discurso presente também entre adultos.

As contradições estão muito presentes nas falas dos jovens entrevistados. Eles mantêm a noção de amor romântico das gerações passadas, entretanto, defendem uma maior liberdade para fazer escolhas. Assim, acreditam que o tempo para a experimentação é necessário, até que eles possam encontrar o parceiro complementar com quem viverão o amor estável.

Os namoros também são expostos no meio virtual e essa espetacularização passa a fazer parte dos relacionamentos. É uma forma de todos saberem que aquele casal tem um compromisso assumido, além de poderem participar do namoro, acompanhando as fotos e as postagens. Podemos levantar a questão se, para além da espetacularização da vida cotidiana e amorosa no meio virtual, assumir o namoro nas redes sociais seria uma tentativa de se proteger contra a traição.

A temática abordada neste texto apresenta uma série de desafios que demandam novas pesquisas e maior aprofundamento. É inegável que a internet chegou avassaladoramente em nossas vidas e nela vai permanecer.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ALBERTI, S. O adolescente e seu pathos. **Psicologia USP**, 13 (2), 183-202, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CADOZ, C. **A realidade virtual**. Biblioteca Básica de Ciência e Cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHAVES, J. C. "Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque". **Análise Social**, 180: 827-846, 2006.
- CORSO, M. e CORSO, D. L. Game over. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Adolescência entre o passado e o futuro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social? **Revista Pulsional**, 18 (181), 16-23, 2005.
- COUTINHO, L. G. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELA COLETA, A. S. M.; DELA COLETA, M. F. e GUIMARAES, J. L. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. **Psicologia em estudo**. [online]. 2008, vol.13, n.2, pp. 277-285.
- DONNAMARIA, C. P. e TERZIS, A. O amor caiu na rede: sobre a procura de parceiro e a evolução de vínculos amorosos na Internet. **Rev. SPAGESP** [online]. 2009, vol.10, n.2, pp. 45-49.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1782.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Obras completas**. E. S. B., vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GOLDENBERG, M. **Novas famílias nas camadas médias urbanas**. In: Terceiro encontro de psicólogos jurídicos. Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ, 2003.
- KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo. Antropologia e Sociedade**. São Paulo: Papirus, 2003.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LIMA, N. L. **A escrita virtual na adolescência**: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2009. (Tese de doutorado).
- LIMA, N. L. **Fascínio e alienação no ciberespaço**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação, Belo Horizonte.
- MATHEUS, T. C. **Ideais na adolescência**: falta (d)e perspectivas na virada do século. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.



NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 18 n. 2, pp. 193-202, Mai-Ago 2002.

PASSARELLI, B.; DIMANTAS, H.; GUZZI, D.; KYIOUMOURA, J. Atores em Rede: subjetividades e desejos em expansão. **LOGOS 30** Tecnologias de Comunicação e Subjetividade. Ano 16, 1º semestre 2009.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

STENGEL, M. e TOZO, S. M. P. S. Projetos Afetivo-Sexuais por Adolescentes e seus Pais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, (5), São João del Rei, jan/jul 2010, p. 72-82.

STENGEL, M. **Obsceno é falar de amor?** As relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

TURKLE, S. **A vida na era do ecrã**. A identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'água editores, 1997.

VALKENBURG, P. M., SCHOUTEN, A. P., PETER, J. Adolescent's identity experiments on the internet. **New Media Society**, London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 2005, Vol. 7, n. 3, p. 383-412.

VIEIRA, E. D. e STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia** [online]. 2010, n.32, pp. 147-160.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-292-0

